

Imagens de uma vida

(Gracie Santos)

A vedete nacional da noite desta quarta-feira, em São Paulo, na 13ª edição do Festival Internacional de Arte Digital Videobrasil foi Rafael França. E a escolha não poderia ser melhor, afinal o videoartista gaúcho que aos 19 anos de idade mudou-se para São Paulo para trabalhar com a artista plástica Regina Silveira, melhor que ninguém trafegou pelas várias linguagens e possibilidades da arte. Começou realizando litografias, nos anos 70. No início e meados da década seguinte, passou a fazer suas intervenções urbanas, para logo depois, já em Chicago (EUA), enveredar-se pelo mundo do vídeo.

Para homenagear o videoartista que o Brasil perdeu precocemente ele morreu em 1991, aos 35 anos de idade, vítima de aids -, o Videobrasil fez sua abertura oficial, no Sesc Pompéia onde continua até domingo -, com o lançamento do documentário Rafael França, obra como Testamento, com direção de Alex Gabassi e Marco Del Fiol e roteiro de Fabiana Werneck. O vídeo, o segundo da série Coleção de Autores da Associação Cultural Videobrasil (o primeiro foi Certas Dúvidas de William Kentridge, sobre o desenhista sul-africano, também dirigido por Alex Gabassi), tem 22 minutos de duração. Além do trabalho, está sendo apresentada durante o festival uma retrospectiva dos trabalhos de Rafael França.

Alex Gabassi optou por dividir o documentário em três blocos bem distintos. Conta que começou a conhecer o artista através de sua obra, o que serviu para que me contextualizasse na época mas não me fez sentir nada visceral, de identidade comigo mesmo. Partiu então para pesquisar o trabalho anterior do artista. Foi assim que Alex Gabassi conheceu a litografia, os xerox e as artes gráficas que Rafael França realizou e descobriu que o artista tinha Regina Silveira como mentora.

Depois veio a fase em que Rafael França realizou intervenções urbanas. Ele e os colegas do grupo 3N3S encapuzavam estátuas de praças públicas à noite e, no dia seguinte, ligavam para a polícia denunciando o fato. Quando as autoridades tomavam medidas e a imprensa publicava o fato, eles se utilizavam também das notícias publicadas como obra, lembra o diretor, para acrescentar que eles tiravam a arte do espaço confinado das galerias e a colocavam em contato direto com o público.

Estes e outros registros - e depoimentos de colegas do grupo 3N3S, Mário Ramiro e Hudnilson Jr. - estão no documentário que fala também da terceira fase na vida do artista, em Chicago, onde ele realizou todas suas produções em vídeo (Questões pessoais e o mundo gay, principalmente pós-advvento da aids, permeiam os vídeos de Rafael França). Mas a maior parte do documentário é a entrevista, localizada através de pesquisa da Associação Cultural Videobrasil, que um aluno de Rafael França no Texas, Charles Nafuz, gravou com o professor em U-matic. A versão completa, em inglês, foi cedida pelo autor.

Sobre o tratamento estético dado ao vídeo, Alex Gabassi conta que há muito tempo queria trabalhar com o formato wide screen - dividindo a tela em três camadas e retirando a primeira e a última. Isso aparentemente diminui o tamanho da tela, mas aumenta a proporção. Pode-se utilizar o meio dela, e aí ganha-se mais espaço, garante. O resultado é um documentário recheado de fotos de arquivo, com muito trabalho de pós-produção, feito em flash, formato - tmo para a internet, com depoimentos de gente importante na vida de Rafael França, como Regina Silveira e o teórico Arlindo Machado, que permite contextualizar a obra do artista de grande contribuição para o cenário da arte brasileira. ■